

A PSICOLOGIA PODE SER UMA CIÊNCIA DA MENTE?¹

B. F. SKINNER²

Muitos psicólogos, assim como os filósofos antes deles, procuraram dentro de si mesmos por explicações para seu comportamento. Sentiram sentimentos e observaram processos mentais através da introspecção. A introspecção, no entanto, nunca foi muito satisfatória. Os filósofos reconheceram suas inadequações, mas insistiram que, de qualquer maneira, trata-se do único método para o autoconhecimento. Psicólogos já tentaram aperfeiçoá-la, utilizando observadores treinados e instrumentos, pelos quais William James tinha pouco respeito. A introspecção já não é muito usada. Os psicólogos cognitivistas podem ver representações e podem até argumentar que são as únicas coisas que podem ser vistas, mas não afirmam que podem ver a si mesmos processando-as. Em vez disso, como os psicanalistas, que enfrentam o mesmo problema com processos que não podem ser vistos porque são inconscientes, voltaram-se para a teoria. Entretanto, teorias necessitam de confirmação e, para isso, muitos recorreram à ciência do cérebro, na qual se pode dizer que os processos são examinados (*inspected*) e não introspecionados (*introspected*). Se a mente é “o que o cérebro faz”, o cérebro pode ser estudado como qualquer outro órgão. Eventualmente, então, a ciência do cérebro deveria nos dizer o que significa construir uma representação da realidade, guardar uma representação na memória, converter uma intenção em ação, sentir alegria ou tristeza, chegar a uma conclusão lógica e assim por diante.

Mas será que o cérebro origina o comportamento assim como se diz que a mente ou *self* o faz? O cérebro é parte do corpo e o que faz é parte do que o corpo faz. O que o cérebro faz é parte do que precisa ser explicado. De onde vem o conjunto corpo-cérebro e por que ele muda sutilmente de momento a momento? Não podemos encontrar resposta para questões desta natureza no próprio conjunto corpo-cérebro, quer observado pela introspecção, quer com instrumentos da psicologia.

¹ Texto traduzido por André Luis Jonas e revisto por Hélio José Guilhardi e Noreen Campbell de Aguirre, para uso exclusivo dos grupos de estudo e supervisão do Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento (Campinas – SP).

² SKINNER, B. F. (1999). *Cumulative Record – Definitive Edition*. Acton, Mass.: Copley Publishing Group. Publicado originalmente em 1990, na *American Psychologist*, 45 (11): 1206-1210.

O comportamento do organismo como um todo é produto de três tipos de variação e seleção. A primeira, a seleção natural, é responsável pela evolução da espécie e, conseqüentemente, pelo comportamento da espécie. Todos os tipos de variação e seleção têm certas falhas, e uma delas é especialmente crítica para a seleção natural: ela prepara a espécie somente para um futuro que se assemelhe com o passado que a selecionou. O comportamento da espécie só é eficaz num mundo que se assemelhe bastante ao mundo em que a espécie evoluiu.

Tal falha foi corrigida pela evolução de um segundo tipo de variação e seleção – o condicionamento operante – através do qual variações no comportamento do indivíduo são selecionadas por aspectos do meio ambiente que não são estáveis o suficiente para terem um papel na evolução. No condicionamento operante, o comportamento é reforçado, no sentido de ser fortalecido ou de ter mais probabilidade de ocorrer, por certos tipos de conseqüências, que inicialmente adquiriram o poder de reforçar através da seleção natural.

Uma segunda falha na variação e seleção é fundamental para o condicionamento operante: a seleção depende da variação. O processo, conseqüentemente, é em geral lento. Isto não foi um problema para a seleção natural porque a evolução poderia levar milhões de anos, mas um repertório de comportamento operante tem que ser construído durante o espaço de uma vida. O condicionamento operante tem que solucionar o “problema da primeira ocorrência”: como e por que as respostas ocorrem antes de serem reforçadas?

O problema foi parcialmente solucionado pela evolução de processos através dos quais os indivíduos tiram proveito de comportamentos já adquiridos por outros. A imitação é um exemplo. Frequentemente, ela coloca aquele que imita em contato com as conseqüências reforçadoras responsáveis pelo comportamento imitado. O comportamento do imitador é “iniciado” (“*primed*”), no sentido de ser levado a ocorrer pela primeira vez e, usualmente, quando é provável que seja reforçado.

Neste ponto, a espécie humana parece ter dado um passo evolucionário singular. Outras espécies imitam, mas, se dão modelos de comportamento a ser imitado, isso ocorre apenas como produto de seleção natural. A conseqüência por oferecer o modelo (*modeling*) para o comportamento do imitador é muito remota para servir como reforçador operante. Apenas na espécie humana o comportamento do imitador reforça dar o modelo (*modeling*).

A espécie passou por outra mudança evolucionária única quando sua musculatura vocal ficou sob controle operante e quando o comportamento vocal começou a ser modelado e mantido por suas conseqüências reforçadoras. As pessoas puderam, então, iniciar (*prime*) o comportamento de outros, dizendo-lhes o que fazer, bem como lhes mostrando como fazer. (Numa etapa presumivelmente posterior, conseqüências reforçadoras temporárias foram acrescentadas para tornar mais provável que o comportamento se mantivesse fortalecido, até que a conseqüência para a qual ele foi iniciado pudesse vir a atuar. Apresentar reforços temporários, neste sentido, é ensinar.)

O conselho pode ser útil em mais de uma ocasião, e é, então, frequentemente dado ou ensinado, de tal forma que é transmitido de pessoa para pessoa ou de geração para geração. As máximas e os provérbios são exemplos disso. Descrevem principalmente contingências gerais de reforçamento - *um tostão* (assim como muitas outras coisas) *poupado é um tostão* (assim como muitas outras coisas) *ganho*. Regras são dizeres

transmitidos por grupos, usualmente com conseqüências reforçadoras mais fortes. As leis dos governos e as religiões descrevem as contingências de reforçamento (usualmente negativo) mantidas por tais instituições. Elas têm o efeito de avisos: pela obediência à lei, uma pessoa se esquia de comportar-se de maneiras que seriam punidas. As leis da física e da química (“regras de ação eficaz”) descrevem as contingências de reforçamento mantidas pelo ambiente físico.

Dar modelos (*modeling*), dizer (*telling*) e ensinar são funções dos ambientes sociais chamados de culturas. Diferentes culturas surgem de diferentes contingências de variação e seleção e diferem pela extensão com que ajudam seus membros a solucionar seus problemas. Os membros que os solucionam têm maior probabilidade de sobreviver e, com eles, as práticas da cultura sobrevivem. Em outras palavras, as culturas evoluem, numa terceira forma de variação e seleção. (As culturas que modelam e mantêm comportamento *operante* são exclusivamente humanas. As sociedades animais têm características muito semelhantes, mas somente como produto de contingências de sobrevivência.) A evolução cultural não é um processo biológico, mas, como um tipo de variação e seleção, tem as mesmas falhas. O fato de que uma cultura prepara um grupo somente para um mundo que se assemelhe ao mundo no qual a cultura evoluiu é a fonte da nossa preocupação atual a respeito de uma Terra habitável no futuro.

O processo de variação e seleção tem uma terceira falha: variações ocorrem ao acaso e as contingências de seleção são acidentais. O que evoluiu não foi uma única espécie em vagaroso desenvolvimento, mas milhões de espécies diferentes, competindo entre si por um lugar no mundo. O produto do condicionamento operante não é um repertório único e coerente, mas milhares de repertórios menores, que se confrontam e cujos conflitos terão de ser resolvidos de alguma maneira. A evolução de meios sociais produziu não uma única cultura, mas muitas que, freqüentemente, entram em conflito.

Embora o controle operante da musculatura vocal seja exclusivo da espécie humana raramente ou nunca é citado como seu traço característico. O que se cita mais freqüentemente é a presença ou ausência de “consciência” ou de “inteligência consciente”. O papel desempenhado pelo cérebro/mente sempre foi um problema na comparação das espécies. Descartes excluiu o “homem” do seu modelo mecânico de organismo, e Wallace, distintamente de Darwin, não acreditava que a evolução pudesse explicar a mente humana. Cientistas do cérebro expressaram reservas similares. Teóricos da evolução sugeriram que a “inteligência consciente” é um traço evolutivo, mas nunca demonstraram como uma variação não física poderia surgir, para ser selecionada por contingências físicas de sobrevivência. (A sugestão simplesmente leva mais longe a aborrecida distinção físico-metafísico). Tem sido dito que talvez nunca saibamos como uma mente consciente evoluiu porque nada sobreviveria para os paleontologistas descobrirem, mas o controle operante da musculatura vocal e o mostrar (*showing*), dizer (*telling*) e ensinar (*teaching*), que o acompanham, sobrevivem e é possível que eles expliquem a introspecção e também o que é “visto” com sua ajuda.

A raiz “*spect*” (intro-*spect*-ion) sugere visão. Dizemos que “olhamos para” e “vemos” o que está acontecendo dentro de nós mesmos, mas nenhum olho interno jamais foi descoberto. Podemos evitar a especificação de um tipo de órgão, dizendo observe (*observe*), note (*notice*), atente (*note*), ao invés de veja (*see*), e é significativo que observe, note e atente, e, menos comumente, comente (*remark*), significam tanto ver (*to see*) como dizer (*to say*). Depende muito do que significa sentir qualquer parte do mundo com qualquer tipo de órgão. As teorias de *input-output*, bem como os modelos estímulo-resposta ou de processamento de informação, fazem uma nítida distinção entre sentir e fazer. Diz-se que sentimos o mundo antes de agir sobre ele. A análise experimental do comportamento, no entanto, atribuiu ao estímulo um papel muito diferente. Uma resposta operante tem mais probabilidade de ocorrer na presença de um estímulo que estava presente quando tal resposta foi reforçada. Sentir (*sensing*), tanto quanto fazer (*doing*), é um produto de seleção e variação. É uma parte do fazer. Por razões similares, a seleção natural explica a prontidão com a qual os animais respondem instantaneamente a características do meio que foram cruciais para a sobrevivência de suas espécies, como a aparência, o som ou cheiro de alimento, ou de oportunidade sexual, ou uma ameaça de perigo, incluindo o perigo daquilo que não lhes é familiar. Os animais, presumivelmente, “recebem” todos os estímulos que os atingem, mas é possível que respondam somente àqueles que tenham tido um papel nas contingências de seleção (Não temos como saber se animais não verbais vêm estímulos que nunca tiveram tal papel, porque teríamos que montar contingências que incluíssem tais estímulos a fim de descobrir isso). Nós próprios podemos ver coisas em relação às quais não tivemos nenhuma ação *prática* (vemos coisas que estão fora de alcance, por exemplo), mas, possivelmente, somente porque tenhamos falado a respeito delas. Ver coisas, sem se engajar em uma ação, é estar ciente (*aware*) delas. (A raiz da palavra *aware* (ciente, informado) também é encontrada na palavra *wary* (cauteloso, prudente); somos cautelosos diante de coisas que tenham sido parte de contingências negativas de seleção.) A palavra consciente (*conscious*), usada mais frequentemente que ciente (*aware*), significa co-conhecimento (latim: *con-science*) ou “conhecimento com outros” – uma alusão às contingências verbais necessárias para estar consciente.

Tudo isto é particularmente importante quando o que vemos está dentro de nosso corpo, o tipo de visão para o qual usualmente reservamos a palavra introspecção. Mas o que vemos realmente? Psicólogos que se sentem pouco à vontade com a natureza metafísica da vida mental, frequentemente dizem que o que vemos através da introspecção deve ser o cérebro, mas isto é improvável. Não temos nervos sensoriais indo até partes importantes do cérebro; um cirurgião pode operar um cérebro sem anestesia. Nenhuma contingência de seleção teria promovido a evolução de tais nervos antes do advento do comportamento verbal, e isso aconteceu muito tardiamente na evolução da espécie. É mais provável que o que vemos através da introspecção sejam os estágios iniciais do nosso comportamento, os estágios que ocorrem antes que o comportamento comece a agir sobre o meio.

Sentir (*sensing*) é tal estágio; vemos coisas, antes de responder a elas de qualquer outra forma, e vemos que as estamos vendo quando não estamos fazendo nada mais. As contingências necessárias são supridas pelas pessoas que nos perguntam se vemos coisas. O princípio da ação é outro estágio inicial. Isto não suscita nenhuma questão sobre a disponibilidade de nervos sensoriais, porque deveríamos ser capazes de ver os estágios iniciais com os mesmos nervos necessários para [ver] a ação completa. (É possível também que, às vezes, não estejamos, de nenhuma forma, *introspeccionando*,

mas respondendo à situação externa, como se “eu estou indo para...” significasse “em situações como esta, eu usualmente fui...”).

Diz-se que os gregos teriam descoberto a mente, mas é mais provável que tenham sido os primeiros a falar mais extensamente sobre o que viam dentro deles mesmos e, assim, tenham construído as contingências necessárias para a introspecção. Os “Diálogos” da academia de Platão teriam criado contingências sob as quais mais e mais dos estágios iniciais do comportamento poderiam ser vistos. Deve ter sido um mundo enigmático. Vemos o mundo público ao nosso redor, mas também o sentimos, o escutamos, sentimos seu gosto e o cheiramos. A única coisa que podemos fazer com o mundo interno é “vê-lo”. Não é surpreendente que os gregos o tenham chamado de *metafísico*.

Infelizmente, o que eles viam ocorria no momento e no local exatos para ser confundido com uma causa do que haviam feito e, portanto, foi fácil supor que eles tinham descoberto um *self* ou mente que deu origem à ação. Se o que viram, no entanto, foi simplesmente um estágio inicial do que fizeram a seguir, então, dizer que esta parte inicial é uma causa do resto que fizeram é o mesmo que dizer que o movimento de erguer o taco, feito por um jogador de golfe, é a causa da pancada que movimenta a bola. Estágios iniciais do comportamento afetam estágios posteriores, mas é o comportamento como um todo que é produto de variação e seleção.

Tal análise da introspecção e da “conscientização” introspeccionada precisa ser considerada com cuidado, com certeza, mas todo esforço deve ser feito para preservá-la, porque ela elimina qualquer necessidade de recorrer a um tipo especial de conhecimento ou a um tipo especial de substância conhecida. Ela permanece dentro do mundo da física e da química e das ciências de variação e seleção. Ela afasta qualquer sugestão de uma ruptura nos processos de variação e seleção.

Duas ciências reconhecidas, cada qual com um objeto de estudo claramente definido, têm relação com o comportamento humano. Uma delas é a fisiologia da unidade corpo-cérebro – uma questão de órgãos, tecidos, células e as mudanças elétricas e químicas que ocorrem dentro deles. A outra é um grupo de três ciências interessadas na variação e seleção, que determinam a condição do corpo e do cérebro em qualquer momento: a seleção natural do comportamento das espécies (etologia), o condicionamento operante do comportamento do indivíduo (análise do comportamento) e a evolução dos ambientes sociais que geram comportamento operante e expandem muito sua amplitude (uma parte da antropologia). Seria possível relacionar as três ciências da seguinte maneira: a fisiologia estuda o produto, do qual as ciências da seleção e variação estudam a produção. O corpo funciona da maneira *como* o faz, por causa das leis da física e da química; ele faz *o que* faz, devido a sua exposição a contingências de variação e seleção. A fisiologia nos diz *como* o corpo funciona; as ciências de variação e seleção nos dizem *por que* ele é um corpo que funciona dessa maneira.³

As duas ciências observam princípios causais muito diferentes. O conjunto corpo-cérebro obedece às leis da física e da química. Ele não tem liberdade e não faz

³ Este parágrafo não está suficientemente claro no original e, provavelmente, mereceria uma revisão por parte do autor, caso tivesse havido tempo. (Nota dos revisores)

escolhas. Nenhuma outra visão do “homem como máquina” (neste caso uma máquina bioquímica) esteve tão bem embasada. Alguns cientistas do cérebro têm afirmado que o cérebro deve possuir características estruturais que possibilitam a liberdade de escolha, a criatividade e assim por diante, mas, argumentando assim, estão de fato falando sobre o que o cérebro faz e não sobre sua estrutura. Tem-se dito também que a variação e a seleção podem ocorrer no cérebro, mas embora o cérebro, como qualquer outra parte do corpo, sofra variações, as contingências de seleção estão no ambiente.

Quanto mais sabemos sobre a unidade corpo-cérebro enquanto máquina bioquímica, menos interessante ela se torna em sua relação com o comportamento. Se existe liberdade, ela é encontrada na aleatoriedade das variações. Se novas formas de comportamento são criadas, elas são criadas pela seleção. As falhas na variação e na seleção são fontes de problemas fascinantes. Temos que nos adaptar a situações novas, resolver conflitos e encontrar soluções rápidas. Uma estrutura bioquímica legítima não faz nada disso.

Simulações computadorizadas do comportamento humano são máquinas eletrônicas planejadas para se comportar como a máquina bioquímica do corpo se comporta. Sabemos como foram programadas e construídas e, portanto, não fazemos perguntas a respeito de sua origem. Pela mesma razão, no entanto, simulações não têm qualquer interesse para os analistas do comportamento. As coisas interessantes da vida vêm dos caprichos da variação e da seleção durante a construção da máquina.

A análise do comportamento é a única das três ciências de variação e seleção a ser estudada extensamente no laboratório. Os etologistas observam o comportamento em campo e reconstroem a evolução a partir de evidências que sobrevivem de tempos remotos. A etologia apoia-se numa ciência de laboratório, a genética, mas nunca ninguém produziu, em condições de laboratório, uma nova espécie com um repertório de comportamento inato. A evolução de uma cultura também é, basicamente, uma questão de inferências a partir da história. A diferença está na velocidade; somente o condicionamento operante ocorre com rapidez suficiente para ser observado do começo ao fim. Pela mesma razão, é a única das três ciências a ser muito usada na vida diária para fins práticos.

É difícil entender, portanto, porque o condicionamento operante não atraiu mais atenção. O papel da seleção e da variação no comportamento do indivíduo é, com frequência, simplesmente ignorado. A sociobiologia, por exemplo, salta do sócio- para o bio-, ignorando o elo individual. Muitos dos psicólogos que estudaram o comportamento também negligenciaram a variação e a seleção. A lei do efeito, de Thorndike, chegou perto, mas seu experimento sugeriu que as variações eram tentativas e as conseqüências eram erros. Watson, Lashley e Hull apelaram para a formação de hábitos e estímulo e resposta. O propósito de Tolman, como a orientação para meta ou a utilidade subjetiva esperada, projetou para o futuro cópias de conseqüências passadas, como atrativos que pareciam puxar o comportamento.

A análise do comportamento é a mais jovem das três ciências (teorias da seleção natural e da evolução de culturas datam de meados do século XIX, e a análise do comportamento somente apareceu no final do primeiro quartil do século XX), mas a pouca idade não explica por que foi negligenciada com tanta frequência. Uma explicação melhor pode ser a de que o seu campo de estudo fora ocupado por tanto tempo pela extraordinariamente intrigante teoria de uma mente ou *self* internos como agente iniciador.

Não falamos as linguagens da ciência do cérebro e da análise do comportamento em nossa vida cotidiana. Não podemos ver o cérebro e sabemos muito pouco a respeito da história de variação e seleção responsável por determinado exemplo de comportamento. Em vez disso, usamos uma linguagem que passou a existir muito antes da existência de qualquer tipo de filósofos ou cientistas. Ela é apropriadamente chamada de vernáculo. A palavra significa, como sua raiz significava para os romanos, a linguagem doméstica, utilizada na vida diária. Todos nós a falamos. É a linguagem dos jornais, revistas, livros, rádio e televisão. Ao falar do comportamento do indivíduo, é a linguagem dos cientistas comportamentais – psicólogos, sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e economistas. William James escreveu *Os Princípios de Psicologia* em linguagem vernácula. Os behavioristas falam-na em sua vida diária (e os behavioristas jovens devem aprender a fazê-lo sem constrangimento).

O vernáculo remete a muitos sentimentos e estados da mente. Em inglês, por exemplo, dizemos que fazemos o que nós temos vontade de fazer (*we feel like doing*), ou o que precisamos fazer (*we need to do*), a fim de *satisfazer* nossos desejos. Dizemos que estamos *famintos* e estamos *pensando* em arranjar alguma coisa para comer. É fácil supor que as referências dizem respeito a uma mente iniciadora, mas, como vimos, as alusões úteis se referem a contingências anteriores de seleção ou aos primeiros elos (*beginnings*) de ação. A partir da frase “eu estou faminto”, inferimos que uma pessoa não come há algum tempo e, provavelmente, irá comer quando o alimento estiver disponível. Da frase “estamos pensando em arranjar alguma coisa para comer”, inferimos uma probabilidade de fazer algo que tornará o alimento disponível.

Através do uso do vernáculo, com suas alusões à história pessoal e à probabilidade de ação, a psicologia emergiu como uma profissão eficaz, essencial e altamente respeitada. A tentativa de utilizar as aparentes referências a uma mente iniciadora e de converter o vernáculo em linguagem de uma ciência foi, no entanto, um equívoco. Watson e outros behavioristas pioneiros pensavam que o equívoco estava em utilizar a introspecção. Com que eficiência os sentimentos poderiam ser sentidos ou os processos mentais ser vistos? Antecipando o positivismo lógico, eles argumentaram que um evento visto somente por uma pessoa não tinha lugar numa ciência. Entretanto, o problema não era a introspecção. Era a mente ou *self* iniciador ao qual a introspecção parecia dar acesso.

No contato face a face com outra pessoa, referências a um *self* iniciador são inevitáveis. Há um “você” e há um “eu”. Eu vejo o que “você” faz e ouço o que “você” diz, e você vê o que “eu” faço e ouve o que “eu” digo. Não vemos as histórias de seleção responsáveis pelo que é feito e, portanto, inferimos uma origem interna, mas o uso bem sucedido do vernáculo na prática da psicologia não oferece base para o seu uso em uma ciência. Numa análise científica, histórias de variação e seleção desempenham o papel do iniciador. Não há lugar, numa análise científica do comportamento, para uma mente ou *self*.

O que pensar, então, do fato de que por 100 anos, os psicólogos tentaram construir justamente tal ciência da mente? O que dizer das brilhantes análises feitas a respeito de inteligência, ou das afirmações sobre o valor do conceito de utilidade subjetiva esperada, ou das equações escritas para descrever o espaço psicológico? Terão sido partes de uma busca por algo que não existe? Parece que assim é, mas nem tudo está

perdido. A inteligência, nunca passível de introspecção, é, claramente, uma inferência a partir de amostras de comportamento em testes de inteligência, e uma análise de diferentes tipos de inteligência é uma análise de diferentes tipos de comportamento. Não há possibilidade de expectativa ter o significado de ver o futuro e só pode ser produto de contingências de reforçamento passadas. Utilidade significa utilizável ou de uso, o ato ou meios de fazer algo de forma que seja seguido por conseqüências. O espaço psicológico é espaço real, uma vez que faz parte do controle de contingências de reforçamento; a questão é até que ponto um estímulo presente, quando uma resposta é reforçada, se generaliza de maneira que estímulos similares, que não estavam presentes, exerçam controle. Em suma, inadvertidamente, psicólogos têm analisado contingências de reforçamento, exatamente as contingências responsáveis pelo comportamento equivocadamente atribuído a um iniciador interno.

Mas o que dizer dos filósofos ilustres que, durante séculos, tentaram seguir a determinação do oráculo de Delfos e conhecer a si mesmos através da introspecção? Haveria uma justificativa similar ou estariam eles no enalço de uma meta ilusória ou indefinível? Dizer isso poderia parecer até uma arrogância, caso não houvesse um paralelo esclarecedor. Homens e mulheres igualmente ilustres têm buscado, há muito mais tempo e com maior dedicação, outro Criador (neste caso, escrito com um “C” maiúsculo), cujos feitos relatados também têm sido questionados pela ciência. Foi Darwin, é claro, que fez a diferença. Vale para a origem do comportamento, assim como para a origem das espécies. Depois de quase um século e meio, a evolução ainda não é amplamente compreendida. Ela é vigorosamente contestada pelos defensores de um criador. E, como resultado disso, ainda é impossível ensinar biologia de maneira adequada em muitas escolas norte-americanas. Em lugar dela, foi proposto o ensino de uma ciência criacionista. O papel da seleção e da variação no comportamento do indivíduo sofre a mesma oposição. A ciência cognitiva é a ciência criacionista da psicologia, na medida em que luta para manter a posição de uma mente ou *self*.

A história da psicologia é esclarecedora. Ela começou há 100 anos, com uma busca introspectiva pela mente. Watson atacou a introspecção em seu manifesto behaviorista de 1913 e, por essa ou por outras razões, a introspecção foi, basicamente, abandonada. Os behavioristas voltaram-se para o estudo do comportamento em si, e os psicólogos não-behavioristas voltaram-se para o comportamento de professores, estudantes, terapeutas, clientes, crianças em desenvolvimento, pessoas em grupos etc.

Psicólogos cognitivistas tentaram restabelecer o *status quo*. O behaviorismo, declararam eles, estava morto. Não era possível que quisessem dizer que os psicólogos não estavam mais estudando comportamento, tanto de animais em laboratórios, como de professores, terapeutas, estudantes, clientes etc. O que eles esperavam que estivesse morta era a proposta da seleção por conseqüências para a explicação do comportamento. A mente ou, na falta desta, o cérebro, deveria ser recolocada em sua posição de direito.

Devido a sua similaridade com o vernáculo, a psicologia cognitivista era fácil de ser compreendida, e a assim chamada revolução cognitiva foi bem sucedida por algum tempo. Isso pode ter acelerado a velocidade com que os analistas do comportamento se afastaram das instituições psicológicas, fundando suas próprias associações, programando seus próprios congressos, publicando seus próprios periódicos. Foram acusados de construir seu próprio gueto, mas estavam simplesmente admitindo o fato de que tinham pouco a ganhar com o estudo de uma mente criativa.

A psicologia cognitiva foi colocada como companheira científica de uma profissão e como suporte científico nas áreas de educação, clínica, desenvolvimento, social e muitos outros campos da psicologia. A ajuda que lhes deu não foi notável. Uma versão do vernáculo refinada para o estudo da vida mental não é mais útil do que a versão leiga, principalmente quando a teoria começou a substituir a introspecção. Muito mais útil seria a análise do comportamento. Ela poderia ajudar de duas maneiras: tornando claras as contingências de reforçamento às quais o vernáculo se refere e tornando possível o planejamento de ambientes melhores – ambientes pessoais que solucionariam os problemas existentes e ambientes maiores, ou culturas, nas quais haveria menos problemas. Uma melhor compreensão da variação e da seleção significará uma profissão melhor sucedida, mas, se a análise do comportamento será chamada de psicologia, esse é uma questão para o futuro decidir.

Este artigo foi completado no dia 17 de agosto de 1990, na noite anterior ao falecimento do Dr. Skinner. Serviu como base para as idéias apresentadas na 98^a Convenção Anual da Associação Psicológica Americana, em Boston, e foi escrito para ser publicado no *American Psychologist*.